

RESENHA:

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Manalive*. Porto Alegre: Sociedade Chesterton Brasil; Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vítor, 2021.

Lucas Carvalho de Medeiros

Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, no *Centro de Estudos Filosóficos-Teológicos Redemptoris Mater* de Brasília.
E-mail: lcs.cvl.mdr@gmail.com

Nascido em 1874 e morto em 1936, sempre na sua adorada Inglaterra, Gilbert Keith Chesterton foi principalmente o marido de Frances Blogg e um grande homem, seja por ser um gigante de um metro e noventa e três centímetros, com cerca de cento e quarenta quilos, seja pela grandeza de sua personalidade e do seu estilo de vida alegre e cativante. Felizmente deixou-nos o eco da sua magnanimidade em inúmeros ensaios, artigos de revista, livros e obras de literatura, nos quais transparece o apreço que possuía esse pensador pelas "*tremendas trivialidades*" da vida.

Manalive, escrito em 1912, é uma dessas obras. Houve quem dissesse inclusive que o livro se tratava de uma espécie de autobiografia literária ou uma apresentação que Chesterton fez de si mesmo através do personagem principal da obra, Innocent Smith. Teoria não provada. O fato é que *Manalive* nos apresenta alguns curiosos eventos ocorridos na Pensão Farol após a chegada de um homem bastante excêntrico e instigante, o já citado Innocent Smith. A obra, inclusive, começa com a descrição de uma ventania que se abate sobre a Pensão, sacudindo suas estruturas, imagem do que causará a aparição de Innocent na vida dos hóspedes da pensão.

Após levar seus companheiros inquilinos a várias experiências curiosas, como fazer um piquenique no telhado da Pensão, um fato gera um grande rebulição entre todos: Innocent é acusado de atirar na direção de

um médico amigo de um dos inquilinos, o Dr. Warner, “um homem grande, lânguido, entediado e (como diziam alguns) entediante”, cuja descrição nos faz imaginar um tipo arrogante e bem-sucedido, e exatamente por isso alguém que emana languidez para os demais.

Comprovado o fato, entretanto, os inquilinos se reúnem, com a dona da pensão, para julgar a culpabilidade de Innocent, uma vez que ele não chegara a ferir efetivamente o médico. O Dr. Warner, então, recebe o auxílio de dois assistentes que não somente acusam Smith de quase ter alvejado o doutor, mas também mostram fatos de sua vida que o qualificam como uma pessoa de mau caráter e más intenções: teria entrado numa casa na surdina pela noite, abandonado seu próprio lar e se envolvido em vários romances controversos, não obstante ser casado.

Entretanto, os inquilinos da Pensão Farol, para os quais a presença de Innocent Smith havia significado uma mudança positiva para suas vidas, não acreditam na culpabilidade do seu novo amigo, e montam sua defesa. Sem negar nenhuma das acusações, demonstram, no entanto, que Innocent não poderia ser acusado de nenhum crime.

A força espiritual deste homem reside principalmente nisto: na distinção entre costume e credo. Ele quebrou as convenções, mas conservou os mandamentos. É como encontrar um homem que aposta loucamente numa casa de jogos e descobrir que ele só aposta com botões de costura; é como encontrar um homem que marca um encontro clandestino com uma dama durante um baile em Covenant Garden e descobrir que a dama é a avó dele. Tudo é feio e improvável, menos os fatos. Tudo a respeito dele está errado, mas ele não fez nada errado (p. 226).

Em outro livro seu, *Ortodoxia*¹ – um dos mais populares, por sinal –, escrito em 1908, Chesterton havia falado sobre o seu desejo de escrever

1 CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. Campinas: Ecclesiae, 2013.

um romance sobre um homem que saísse de casa e desse a volta ao mundo para chegar de novo a sua casa, a fim de se encontrar com outros olhos, entendendo assim seu valor e seu significado. Esse romance é *Manalive*, o qual traduz o espírito e a visão única do autor e que nos ensina a enxergar as mesmas coisas de sempre com outros olhos. A notar a grandeza e a seriedade de uma rosa porque talvez olhamos para ela pela primeira vez. Chesterton é como um colírio para os nossos olhos cegados pelo pessimismo materialista que polui os ares e obnubila a beleza reluzente que Deus colocou na criação e na vida para que nos alegrássemos.

Por isso iniciamos essa humilde recensão ressaltando o fato de que o *príncipe do paradoxo* – uma das alcunhas atribuídas ao nosso gigante inglês – foi em primeiro lugar o rei de sua casa e o marido de sua esposa. Por saber viver bem a sua vida simples e cotidiana, Chesterton soube ler bem tudo o que leu e entender bem tudo o que entendeu e, finalmente, transmitir-nos bem tudo o que nos transmitiu com suas obras.

É impossível ler Chesterton e não terminarmos um pouco mais felizes e contentes, ou no mínimo um pouco menos tristes. Por isso, é motivo de alegria que a Sociedade Chesterton Brasil e o Instituto Hugo de São Vítor estejam se empenhando em nos trazer cada vez mais obras desse inglês que, pela sua grandeza, não deveria passar despercebido.

Incentivamos nossos leitores não somente à leitura de *Manalive*, mas também a apreciar esse grande autor em todas as obras que vêm sendo traduzidas e divulgadas em nosso país, sem medo de fazerem uma viagem para longe de sua casa, de suas ideias engarrafadas e quadradas, cômodas, para então voltarem de novo a sua casa e encontrarem a alegria de viver na simplicidade.